



Alice
Kellen

Tudo o que nunca fomos

Duologia Deixe Acontecer • Livro 1

Alice Kellen

Tudo o que
nunca fomos

Duologia Deixe Acontecer • Livro 1

Tradução

Eliane Leal Damasceno



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Alice Kellen, 2019

Autora representada pela Editabundo Agencia Literaria, S. L.

© Editorial Planeta, S. A., 2021

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023

Copyright da tradução © Eliane Leal Damasceno, 2023

Todos os direitos reservados.

Título original: *Todo lo que nunca fuimos*

Não é permitida a reprodução total ou parcial deste livro, nem sua incorporação para um sistema de computador, nem sua transmissão de qualquer forma ou por qualquer meio, seja eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão prévia por escrito do editor. A violação dos direitos acima mencionados pode constituir crime contra a propriedade intelectual.

Preparação: Mariana Rimoli

Revisão: Renato Ritto e Ricardo Liberal

Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos

Ilustração de capa: Camis Gray

Composição de capa: Beatriz Borges

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Kellen, Alice

Tudo o que nunca fomos / Alice Kellen; tradução de Eliane Leal Damasceno. -
São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
288 p.

ISBN 978-85-422-2203-6

Título original: *Todo lo que nunca fuimos*

1. Ficção espanhola I. Título II. Leal Damasceno, Eliane

23-2406

CDD 860

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção espanhola



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

01415-002 – Consolação – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

PROIBIDO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Janeiro

[VERÃO]

 essência

Axel

EU ESTAVA DEITADO NA PRANCHA DE SURFE ENQUANTO O MAR SE MOVIA LENTAMENTE à minha volta. Naquele dia, a água cristalina parecia represada em uma piscina infinita; não havia ondas, nem vento, nem ruídos. Eu podia ouvir minha própria respiração tranquila e o barulho das ondas cada vez que afundava os braços na água, até que parei e apenas fiquei ali, sem me mexer, com o olhar cravado no horizonte.

Poderia dizer que estava esperando o tempo mudar para pegar uma onda boa, mas sabia muito bem que não haveria nenhuma naquele dia. Ou que estava só esperando o tempo passar, algo que eu fazia com frequência. Mas me lembro que o que eu estava fazendo mesmo era pensar. Sim, pensar na minha vida, pensar que eu tinha a sensação de ter alcançado todas as metas e de ter realizado um sonho atrás do outro. “Estou feliz”, disse a mim mesmo. E acho que foi o tom que ecoou na minha cabeça, aquele ponto de interrogação, que de repente me fez franzir a testa, sem tirar os olhos da superfície ondulante. “Estou feliz?”, questionei. Não gostei daquela dúvida que pareceu se agitar na minha cabeça, vívida e exigindo minha atenção.

Fechei os olhos antes de me afundar no mar.

Depois, com a prancha debaixo do braço, voltei para casa caminhando descalço pela areia da praia e depois por uma ruazinha cheia de mato. Abri o portão com um empurrão, porque ele vivia emperrado por causa da maresia, deixei a prancha na varanda dos fundos e entrei. Coloquei uma toalha dobrada na cadeira e não me vesti para sentar na minha mesa de trabalho, que ocupava um lado inteiro da sala e estava um verdadeiro caos. Para qualquer pessoa normal, pelo menos. Para mim, era o cúmulo da organização. Papéis cheios de anotações, outros com testes descartados, e o restante com traços sem sentido. À direita havia um espaço mais limpo, com canetas, lápis, tintas. Em cima, um calendário rabiscado onde eu anotava os prazos de entrega e, do outro lado, o meu computador.

Dei uma olhada no trabalho acumulado e respondi alguns e-mails antes de decidir continuar com o projeto que tinha em mãos, um folheto turístico da

Gold Coast. Era básico, com uma ilustração de uma praia e ondas de linhas curvas sob as quais surfavam algumas sombras com poucos detalhes. Meu tipo de trabalho preferido: simples, rápido de fazer, bem pago e bem explicado. Nada de “pode improvisar” ou “queremos ouvir suas sugestões”, mas um simples “desenha uma merda de uma praia”.

Depois, fiz um sanduíche com os poucos ingredientes que restavam na geladeira e tomei o segundo café do dia, frio e sem açúcar. Estava prestes a colocar o copo na boca quando bateram na porta. Eu não gostava muito de visitas inesperadas, por isso deixei o café no balcão da cozinha com a cara fechada.

Se naquele momento eu soubesse o que viria com aquelas batidas, talvez tivesse me recusado a abrir a porta. Mas a quem eu quero enganar? Nunca teria dado as costas para ele. E teria acontecido, de qualquer forma. Antes. Depois. Que diferença faz? Eu tinha a sensação de que, desde o início, era como jogar roleta-russa com todas as balas carregadas; com certeza alguma delas me atravessaria o coração.

Ainda estava com a mão no batente da porta quando vi que aquilo não era uma visita de cortesia. Me afastei para deixar Oliver, taciturno e sério, entrar. Acompanhei-o até a cozinha, perguntando o que tinha acontecido. Ele ignorou o café, abriu o armário alto onde eu guardava as bebidas e pegou uma garrafa de *brandy*.

— Nada mal para uma terça-feira de manhã — observei.

— Eu tô com um puta de um problema.

Esperei sem falar nada, ainda usando só o calção de banho que tinha colocado quando acordei. Oliver estava de calça comprida e uma camisa branca por dentro; o tipo de roupa que jurou que nunca usaria.

— Não sei o que fazer, não consigo parar de pensar em alternativas, mas já esgotei todas e acho que... acho que vou precisar de você.

Isso me pegou; principalmente porque Oliver nunca pedia favores, nem mesmo a mim, que era o melhor amigo dele desde antes de eu aprender a andar de bicicleta. Não pediu quando viveu o pior momento da vida e recusou quase toda a ajuda que ofereci, fosse por orgulho, porque achava que era um incômodo ou porque queria provar a si mesmo que podia cuidar da situação, por mais difícil que fosse.

Talvez, por isso, não hesitei:

— Você sabe que faço qualquer coisa de que precisar.

Oliver terminou a bebida em um gole só, colocou o copo na pia e ficou ali, com as mãos apoiadas dos dois lados.

— Vão me mandar pra Sidney. É temporário.

— Que porra é essa? — Arregalei os olhos.

— Três semanas por mês, durante um ano. Querem que eu supervisione a nova filial que vão abrir e que volte pra cá quando tudo estiver estabilizado. Eu queria poder recusar a oferta, mas, porra, vão dobrar o meu salário, Axel. E agora preciso disso. Por ela. Por tudo.

Ele passou a mão pelo cabelo, nervoso.

— Um ano não é tanto tempo... — eu disse.

— Não posso levar ela comigo. Não tem como.

— Como assim?

Sejamos sinceros, eu já sabia o que significava aquele “não posso levar ela comigo”, e fiquei com a boca seca. Porque eu também sabia que não poderia dizer não, porque eles eram duas das pessoas que eu mais amava no mundo. Minha família. Não a família em que nasci, com essa estava tudo bem, mas a família que eu havia escolhido.

— Sei que o que estou te pedindo é um sacrifício. — Sim, era mesmo. — Mas é a única solução. Não posso levar ela comigo para Sidney agora que ela voltou para o colégio depois de ter perdido o último ano. Não posso nesse momento afastá-la de tudo que ela conhece. Vocês são tudo o que nos resta, e seria uma mudança grande demais. Deixá-la sozinha também não é uma opção; ela tem crises de ansiedade, pesadelos e não está... ela não está bem. Leah precisa voltar a “ser ela mesma” antes de ir para a faculdade no ano que vem.

Esfreguei a nuca enquanto imitava o que Oliver tinha feito minutos atrás e abri o armário para pegar a garrafa de *brandy*. A bebida aqueceu minha garganta.

— Quando você vai? — perguntei.

— Em algumas semanas.

— Caralho, Oliver.

Axel

EU TINHA ACABADO DE FAZER SETE ANOS QUANDO MEU PAI FOI DEMITIDO DO emprego dele e nos mudamos para uma cidade boêmia chamada Byron Bay. Até então, sempre tínhamos morado em Melbourne, no terceiro andar de um conjunto de apartamentos. Quando chegamos na nossa nova casa, tive a sensação de que seria como estar eternamente de férias. Em Byron Bay não era estranho ver gente andando descalça na rua ou no supermercado; a cidade tinha uma atmosfera relaxada, quase sem horários, e acho que me apaixonei por cada canto daquele lugar antes mesmo de abrir a porta do carro e bater com ela, sem querer, no garoto com cara de poucos amigos que, a partir de então, seria meu vizinho.

Oliver tinha o cabelo despenteado, usava roupas folgadas e parecia um selvagem. Georgia, minha mãe, relembrava aquele episódio com frequência, em reuniões de família, quando tomava uma taça a mais de vinho, dizendo que por pouco não pegou o menino e o levou para a nossa nova casa para dar um banho nele. Por sorte, os Jones apareceram bem quando ela segurava o pequeno pela manga da camiseta. Ela o soltou assim que percebeu que o motivo do “problema” estava bem à sua frente. O senhor Jones, sorridente e usando um poncho manchado de tinta colorida, estendeu a mão. E a senhora Jones a abraçou, deixando-a petrificada. Meu pai, meu irmão e eu rimos da indignação estampada no rosto da minha mãe.

— Vocês são os novos vizinhos, imagino — disse a mãe de Oliver.

— Sim, acabamos de chegar — meu pai se apresentou.

A conversa seguiu um pouquinho mais, e Oliver não parecia muito interessado em nos dar as boas-vindas. Então, vi quando ele, com cara de entediado, tirou do bolso um estilingue e uma pedra e apontou para o meu irmão, Justin. Acertou de primeira. Sorri, porque naquele momento soube que nos daríamos muito bem.

Leah

“HERE COMES THE SUN, HERE COMES THE SUN”. A MELODIA DAQUELA MÚSICA SE repetia na minha cabeça, mas não existia o menor sinal daquele sol nos traços negros que eu colocava no papel. Apenas escuridão e linhas duras e retas. Senti que meu coração começava a bater mais rápido, mais sufocado, mais caótico. Taquicardia. Amassei o papel, joguei fora e me deitei na cama, levando uma mão ao peito e tentando respirar... respirar...



DESCI DO CARRO E SUBI OS DEGRAUS DA ENTRADA DA CASA DOS MEUS PAIS. PONTUALIDADE não era o meu forte, e fui o último a chegar, como em todos almoços de domingo em família. Minha mãe me recebeu penteando meu cabelo com os dedos e perguntando se aquela pinta no meu ombro estava lá na semana passada. Meu pai revirou os olhos quando ouviu a pergunta, me deu um abraço e me fez entrar. Lá dentro, meus sobrinhos se penduraram nas minhas pernas até Justin os tirar, prometendo a eles um chocolate.

— Continua com os subornos? — perguntei.

— É a única coisa que funciona — respondeu ele, resignado.

Os gêmeos riram baixinho, e tive que fazer um esforço para não me juntar a eles. Eram uns diabinhos. Dois diabinhos encantadores que passavam o dia gritando “Tio Axel, me levanta”; “Tio Axel, me põe no chão”; “Tio Axel, compra isso”; “Tio Axel, se mata”, esse tipo de coisa. Eram a razão pela qual meu irmão mais velho estava ficando careca (e ele nunca admitiria que usava produtos para

evitar a queda de cabelo) e pela qual Emily, a garota com quem ele começara a namorar no colégio e que acabara se tornando sua esposa, tinha se rendido ao conforto das roupas de malha e a sorrir quando uma de suas crias vomitava nela ou decidia rabiscar suas roupas com canetinha.

Cumprimentei Oliver com um gesto vago e caminhei até Leah, que estava em frente à mesa posta, com o olhar fixo no desenho da folhagem que estampava as bordas do aparelho de jantar. Ela me olhou quando me sentei ao seu lado e dei nela um empurrãozinho amigável. Não respondeu. Não como teria respondido algum tempo antes, com aquele sorriso que cobria todo o rosto e que era capaz de iluminar uma sala inteira. Antes que eu lhe dissesse qualquer coisa, meu pai apareceu segurando uma bandeja com um frango recheado, que deixou no centro da mesa. Eu já estava olhando em volta, meio desconsolado, quando minha mãe me passou uma tigela de legumes refogados. Sorri agradecido.

Comemos e conversamos acerca de tudo um pouco: a cafeteria da família, a temporada de surfe, a última doença contagiosa que minha mãe tinha descoberto que existia. O único assunto do qual não falamos foi aquele que pairava no ar, por mais que o estivéssemos evitando. Quando chegou a hora da sobremesa, meu pai pigarreou e então ficou claro que tinha cansado de fingir que não estava acontecendo nada.

— Oliver, meu caro, você pensou bem?

Todos olhamos para ele. Todos, menos sua irmã.

Leah não tirou os olhos do cheesecake.

— A decisão está tomada. Vai passar rápido.

Com um gesto teatral, minha mãe se levantou e colocou o guardanapo na boca, mas não conseguiu esconder um soluço e foi para a cozinha. Fiz que não com a cabeça quando meu pai quis segui-la e me ofereci para acalmar a situação. Respirei fundo e me apoiei na bancada ao lado dela.

— Mãe, não faz assim, isso é o que eles menos precisam neste momento...

— Não consigo, filho. Que situação insuportável! O que mais pode acontecer? Está sendo um ano horrível, horrível...

Eu poderia ter falado qualquer merda do tipo “não é para tanto” ou “vai ficar tudo bem”, mas não tive coragem, porque sabia que não era verdade. Nada seria como antes. Nossas vidas não tinham apenas mudado no dia em que o senhor e a senhora Jones morreram naquele acidente, mas passaram a ser outras vidas, diferentes, com duas ausências que estavam sempre presentes e fortes, como uma ferida que supura e nunca se fecha.

Desde o dia em que pisamos em Byron Bay, viramos uma família. Nós. Eles. Todos juntos. Apesar de todas as diferenças: de que os Jones acordavam todos os dias pensando só “no agora” e que minha mãe passava cada minuto do dia preocupada com o futuro; de que uns eram artistas boêmios acostumados a viver na natureza e outros só conheciam a vida em Melbourne; apesar dos sins e dos não que apareciam ao mesmo tempo diante de uma mesma pergunta; das opiniões contrárias e dos debates que duravam até altas horas toda vez que jantávamos juntos no jardim...

Éramos inseparáveis.

E agora nada disso existia mais.

Minha mãe enxugou as lágrimas.

— Como é que ele pode te deixar responsável por Leah? Poderíamos ter procurado alternativas, feito uma reforma rápida na sala e improvisado um quarto para ela, ou comprado um sofá-cama. Sei que não é o mais confortável e que ela precisa ter o espaço dela, mas, pelo amor de Deus, você não sabe cuidar nem de um bichinho de estimação.

Levantei uma sobrancelha, meio indignado.

— Na verdade, eu tenho um animal de estimação.

Minha mãe me olhou surpresa.

— Ah é? E como ele se chama?

— Não tem nome. Ainda.

Na verdade não era “meu animal de estimação”, eu não gostava muito da ideia de “ser proprietário” de um ser vivo, mas, de vez em quando, uma gata tricolor, magricela e com cara de quem odiava todo mundo aparecia na minha varanda pedindo comida e eu dava a ela os restos do dia. Às vezes, ela vinha três ou quatro vezes por semana, noutras ficava dias sem dar as caras.

— Isso vai ser um desastre.

— Mãe, eu tenho quase trinta anos, cacete, posso cuidar dela. É o mais razoável a se fazer agora. Vocês ficam no café o dia inteiro e, quando não estão lá, têm que cuidar dos gêmeos. E ela não pode ficar dormindo na sala durante um ano.

— E o que vocês vão comer? — insistiu.

— Comida, caralho!

— Olha essa boca!

Dei a volta e saí da cozinha. Fui até o carro, peguei o maço de cigarros amassado que deixava no porta-luvas e me afastei algumas ruas. Sentei na guia de uma calçada baixa e acendi um cigarro, com os olhos fixos nos galhos das

árvores que balançavam com o vento. Aquele não era o bairro onde tínhamos crescido, onde nossas famílias tinham se unido e virado uma só. As duas casas haviam sido colocadas à venda; meus pais tinham se mudado para uma casa pequena, de um quarto só, no centro de Byron Bay. Ficava bem perto do café que tinham aberto mais de vinte anos antes, quando tínhamos chegado aqui para ficar. Não havia motivos para eles continuarem morando longe do centro, já que Justin e eu tínhamos saído de casa, eles tinham perdido seus vizinhos e Oliver e Leah haviam se mudado para a casa que ele tinha alugado quando saiu da casa dos pais, logo assim que terminamos a faculdade.

— Achei que tivesse parado.

Fechei um pouco os olhos por causa do sol quando levantei a cabeça em direção a Oliver. Expulsei a fumaça do cigarro enquanto ele se sentava a meu lado.

— E parei. Um ou dois cigarros por dia não é fumar.

Ao menos, não como as pessoas que realmente fumam.

Ele sorriu, pegou um do maço e acendeu.

— Te meti numa roubada, né?

Acho que, de uma hora para a outra, me tornar o responsável por uma garota de dezenove anos que já não era nada parecida com a menina que um dia tinha sido, poderia, sim, ser considerado “uma roubada”. Mas aí lembrei de tudo que Oliver já tinha feito por mim. Desde me ensinar a andar de bicicleta até deixar que quebrassem seu nariz numa briga em que ele se meteu por minha causa, quando estudávamos em Brisbane. Suspirei e apaguei o cigarro no chão.

— A gente vai se virar bem — eu disse.

— Leah pode ir de bicicleta para o colégio, e o resto do tempo ela normalmente fica enfiada dentro do quarto. Até agora não consegui tirá-la de lá e, enfim... fazer com que tudo volte a ser como antes. E tem algumas regras, mas depois te explico. E eu vou vir todos os meses e...

— Relaxa, acho que não vai ser tão complicado.

Não para mim, não como havia sido para ele. Eu só teria que me acostumar a morar com alguém, algo que não acontecia havia anos, e assumir o controle. O meu controle. O resto a gente resolveria no dia a dia. Depois do acidente, Oliver se viu obrigado a abandonar o estilo de vida despreocupado no qual tínhamos crescido para assumir a tutela da irmã e começar a trabalhar num emprego do qual não gostava, mas que lhe dava um bom salário e certa estabilidade.

Meu amigo respirou fundo e me olhou.

— Você vai cuidar dela, não vai?

— Caralho, claro que sim — assegurei.

— Tá certo, porque Leah... ela é a única coisa que me resta.

Fiz que sim com a cabeça e, com um olhar, a gente se entendeu: ele ficou mais tranquilo sabendo que eu faria tudo que pudesse para que Leah ficasse bem, e tomei consciência de que eu era, provavelmente, a pessoa em quem Oliver mais confiava no mundo.

5

Axel

SORRINDO, OLIVER LEVANTOU O COPO.

— Aos bons amigos! — gritou.

Brindei com ele e tomei um gole da bebida que tinham acabado de nos servir. Era o último sábado antes de Oliver ir para Sidney e, depois de muito insistir, consegui convencê-lo a sair um pouco. Terminamos no lugar de sempre, no Cavanbah, um bar ao ar livre quase na saída da cidade, perto da praia. O nome do lugar era o nome do povo aborígine da região e significava “lugar de encontro”, que basicamente resumia o espírito e a identidade de Byron Bay. O quiosque em que serviam as bebidas e as poucas mesas existentes estavam pintadas de azul-turquesa e combinavam bem com o telhado de palha, as palmeiras e os balanços pendurados no teto, que serviam de assento em volta do balcão.

— Ainda não acredito que estou indo embora.

Dei uma cotovelada e ele riu, divertido.

— Vai ser só um ano, e você vai vir todos os meses.

— E Leah... caralho, Leah...

— Eu vou cuidar dela — repeti, porque vinha dizendo essa frase quase todos os dias desde aquela manhã em que abri a porta e traçamos o plano. — É o que a gente tem feito desde sempre, não? A gente levanta e segue em frente, esse é o segredo.

Ele esfregou a cara e suspirou.

— Quem dera ainda fosse assim tão simples.

— Continua sendo. Ei, vamos curtir. — Levantei depois de dar o último gole. — Vou buscar mais uma bebida, vai querer a mesma coisa?

Oliver concordou com a cabeça e me afastei, parando de vez em quando para cumprimentar alguns conhecidos. Quase todo mundo se conhecia numa cidade tão pequena, mesmo que só de vista. Apoiei o cotovelo no balcão e sorri quando Madison fez uma careta depois de servir duas bebidas aos clientes que estavam ao lado.

— Mais uma? Tá tentando ficar bêbado?

— Não sei. Depende. Você vai se aproveitar de mim se eu ficar?

Madison disfarçou um sorriso enquanto pegava a garrafa.

— Você quer que eu me aproveite?

— Você sabe que, com você, sempre.

Ela me entregou os dois copos, me olhando nos olhos.

— Te espero ou você tem planos para depois?

— Vou estar por aqui quando você terminar.

Oliver e eu passamos o resto da noite bebendo e relembrando coisas. Como aquela vez na qual ligamos para o pai dele porque ficamos bêbados na praia, e em vez de nos buscar e nos levar para casa, ele resolveu fazer um desenho de nós dois largados na areia em um estado deplorável para depois fazer cópias do desenho e colar nas paredes da minha casa e da casa deles, como um lembrete de como tínhamos sido idiotas. Douglas Jones tinha um humor muito peculiar. Ou aquela outra vez, quando nos metemos numa confusão em Brisbane, um dia em que conseguimos maconha e fumamos até eu ficar muito doido e, morrendo de rir, jogar no mar as chaves do apartamento que a gente tinha alugado. Oliver foi buscá-las e entrou na água com roupa e tudo, chapado, enquanto eu, na areia, me acabava de tanto rir.

Naquela época, prometemos a nós mesmos que viveríamos sempre daquele jeito, como o lugar que nos viu crescer: tão simples, relaxado, ancorado na essência do surfe e da contracultura.

Olhei para Oliver e segurei um suspiro antes de terminar a bebida.

— Vou nessa, não quero deixar Leah sozinha por mais tempo — disse ele.

— Tá bom. — Ri quando ele se levantou, cambaleou, me mostrou o dedo do meio e deixou um punhado de dinheiro em cima mesa. — A gente se fala amanhã.

— Beleza — ele respondeu.

Fiquei por ali mais um pouco, com um grupo de amigos. Gavin contou sobre a namorada nova, uma turista que tinha chegado havia dois meses e que, no fim,

resolveu ficar por tempo indefinido. Jake descreveu três ou quatro vezes o desenho da sua prancha nova. Tom se limitou a beber e a escutar os outros. Parei de pensar conforme o bar ia esvaziando, madrugada adentro. Quando o último cliente saiu, dei a volta no quiosque, abri a porta de trás e entrei de fininho.

— Me diz: por que é que eu tenho tanta paciência?

Madison sorriu, fechou a persiana e veio para cima de mim com um sorriso sensual nos lábios. Seus dedos escorregaram pela cintura da minha calça jeans e me puxaram até que nossos lábios se encontraram, entreabertos.

— Porque eu te recompenso bem... — sussurrou.

— Refresca um pouco a minha memória...

Tirei o pequeno top que ela usava. Estava sem sutiã. Madison se esfregou em mim antes de desabotoar minha calça e de se ajoelhar devagar. Quando sua boca me tocou, fechei os olhos, minhas mãos apoiadas na parede em frente. Afundei os dedos no cabelo dela, insinuando para ela se mover mais rápido, mais profundo. Estava quase gozando quando dei um passo atrás. Coloquei uma camisinha. E então me afundei nela contra a parede, entrando com força, me agitando cada vez que a ouvia gemer meu nome, sentindo aquele momento; o prazer, o sexo, a necessidade. Só isso. Perfeito.

